



Marilani Bernardes
Márnei Consul
Rosalva Rocha

Sequências

pragnatha

Marilani Bernardes
Márnei Consul
Rosalva Rocha

Sequências

São Paulo
Pragmatha
2022

Pragmatha Editora
www.pragmatha.com.br

Edição: Sandra Veroneze
Identidade Visual: Pragmatha
Diagramação: Luccas Pozzada
Copyright: Dos Autores

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial
sem a expressa autorização.

Dados Internacionais de Catalogação
B522s Bernardes, Marilani.
Sequências / Marilani Bernardes, Márnei Consul [e] Rosalva Rocha. --
São Paulo: Pragmatha, 2022.
100 p. ; 14 x 21 cm.
ISBN 978-65-86926-86-6
1.Contos brasileiros. 2.Crônicas brasileiras. 3.Prosa brasileira.
4.Literatura brasileira - Rio Grande do Sul. I.Consul, Márnei. II.Ro-
cha, Rosalva. III.Título.

CDU 869.0(81)-34
869.0(81)-3
CDD (23. ed.) B869.3
(22. ed.) B869.8

Catalogação na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes - CRB 10/1252

Sumário

06 | Reticências

Marilani Bernardes

09 | Procura-se

11 | Surpresas

13 | Melhor assim

15 | Mulher de verdade

17 | Em família

19 | Dupla sorte

21 | Voltinha

23 | Status

25 | Falso perfil

27 | O passado presente

29 | Reflexos da vida

31 | Pantufas

Márnei Consul

35 | Vingando-se

37 | Vida

39 | Ele já tinha feito isso

41 | O único lugar capaz

43 | Morte abaixo

45 | Acidente de paz
47 | Minion
49 | Começou a rir
51 | A verdade
53 | Pelo trajeto
55 | Podridão
57 | Conseguiram

Rosalva Rocha

61 | Amizade sem fim
63 | Por um instante
65 | Inverno real
67 | Grande mudança
71 | Sobre o amor
75 | Uma vida a dois
77 | Por um triz
79 | Esperança de um recomeço
81 | Seria bem melhor
83 | Promessa cumprida
85 | Jogo premeditado
87 | O reencontro

Reticências

Sequências... A vida é feita delas. Damos sequência a algo que outros começaram, a coisas ruins que se perpetuam, a bondades que, às vezes, podem nos cansar e, também, damos continuidade a ações que nós mesmos fazemos consciente ou inconscientemente.

"Sequências" foi o título que escolhemos para este livro, o qual se originou de exercícios literários da Pragma-
tha Editora. São continuações ficcionais que, por vezes, espelham-se em parte em realidades vividas por nós ou por conhecidos nossos.

Sequências literárias... Foi isso que escrevemos. Uma literatura por demanda que demandou criatividade, brevidade e coragem.

Esperamos que vocês, leitores, apreciem nossos textos e que, talvez, desafiem-se dando sequências a seus inícios ou, até mesmo, aos finais. Até porque, a história não termina quando acaba...

Marilani
Bernardes

Procura-se

O ônibus chegou. Martha não via a hora de embarcar em busca de intrigante missão: tentar encontrar a irmã que nunca conhecera. Quarenta e dois anos as separavam. Tudo o que sabia era que a irmã havia sido adotada por uma família que morava em Santa Efigênia, cidade situada a trezentos quilômetros dali.

O ônibus chegou. Catarina não via a hora de desembarcar. Viajara trezentos quilômetros em busca de incansável objetivo: tentar encontrar a irmã dois anos mais velha, que sabia que existia e deveria residir nessa cidade.

As informações eram mínimas, mas o desejo de encontrar era imenso. Uma obstinação. Para ambas.

Na rodoviária, uma passa pela outra, mas não se conhecem. E cada uma segue em sua incansável procura.



Surpresas

Mais três horas, e estaria tudo acabado. Fábio voltaria de viagem após dois anos e meio. Leila iria aguardá-lo no aeroporto. Estava tudo planejado. Ali mesmo, terminaria o relacionamento que tinham há quase uma década.

Durante a ausência de Fábio, Leila se envolvera em uma paixão fulminante e, agora, estava grávida.

Isso não era justo com Fábio. Sentia-se culpada. Ele não a perdoaria.

Chegada a hora, Fábio desembarca, acompanhado de uma linda jovem. Estão próximos demais, e Leila entende tudo.

Fábio comunicou a volta e queria Leila no aeroporto para, ali mesmo, terminar tudo.

Seus olhos se cruzam. Leila apenas diz "olá". Fábio não consegue dizer nada. Está sem jeito. Leila então fala: "Está tudo bem". Vira as costas e vai embora.



Melhor assim

Suspirou aliviado. Conseguiu chegar a tempo para a entrevista de emprego, apesar da chuva e do ônibus atrasado.

Chegando ao local do seu compromisso, Cléber foi informado de que a chefe do RH tivera um imprevisto e que a entrevista estava cancelada. Suspirou aliviado mais uma vez. Teria mais tempo para se preparar.

Antes de sair, ouviu um rapaz chegar e perguntar pela chefe do departamento, senhora Soraya Fiuza. Cléber estremeceu ao ouvir esse nome. Seria a mesma pessoa? A mulher que destruíra o casamento de seus pais?

Cléber não voltaria mais àquela empresa. Não participaria mais de entrevista alguma. Se realmente fosse ela, ele não perderia a oportunidade de lhe dizer poucas e boas.

Ficou nervoso só em pensar na possibilidade. Melhor mesmo não ter acontecido. Suspirou aliviado pela terceira vez.



Mulher de verdade

- Quando voltará para casa? - Suzete pergunta, agarrada ao marido no aeroporto.

- Depende de como irão os negócios - responde Heitor.

O que Suzete não sabe é que Heitor não pensa em voltar. Vai viver no outro lado do mundo com a amante, que havia planejado tomar um voo para o mesmo destino um dia antes.

Cansado de um casamento com uma mulher completamente fútil e dependente, Heitor quer viver agora com uma mulher de verdade.

Mas a mulher de verdade sequer viajou! Mentiu para ele. Vai seguir por aqui mesmo, porque se apaixonou pelo personal trainer, vinte anos mais jovem do que ela.



Em família

- Quero ter um irmãozinho - disse João.

Stela e Jarbas entreolharam-se preocupados. João tinha apenas três anos e ainda não sabia que era sobrinho deles.

Os pais do menino morreram em um trágico acidente quando ele tinha poucos meses.

Pela ligação muito forte que tinham com a irmã, Suzana, mãe de João, decidiram criar o menino como filho.

Os avós não se opuseram. Tinham que ser mesmo eles. Tinham a tutela do pequeno.

Estavam aguardando João crescer um pouco mais e contar-lhe tudo.



Dupla sorte

Um cão enorme guardava a porta. Eu o via sempre assim ao passar defronte à casa, a qual ficava no meu trajeto para o trabalho.

Certa manhã, não o vi. Apenas alguém nos fundos da casa ralhando: "Seu cachorro inútil e imprestável!"

No outro dia, lá estava ele guardando a porta. Parei em frente à grade. Ele, de pronto, veio até mim. Mas nenhum sinal de agressividade. Ao contrário: notei doçura em seu olhar.

Dias depois, vi os proprietários fazendo a mudança. Parei em frente à casa, é lá estava o meu amigo cão.

Um homem me viu e quis saber se eu queria algo. Respondi que estava apenas olhando o cachorro.

- Se lhe agrada, pode ficar com ele. Estamos de mudança e não queremos levar este trambolho!

Não pensei duas vezes.

Hoje, não imagino minha vida sem essa adorável criatura, inteligente e amorosa, que nada tem de inútil e imprestável! Apenas estava na família errada.



Voltinha

Desceu as escadas apressadamente. A campainha tocava sem parar.

- Deve ser algo urgente - pensou Aldine.

- Olá! Cheguei! - diz Alberto.

- Quê! Você, Alberto? Depois de quinze anos? Saiu, nunca mais voltou! Te procurei por toda parte! Me deixou sozinha, cuidando das crianças! Agora reaparece assim?

- Ora, querida! Eu fui ali na esquina comprar cigarros. Demorei?



Status

Muitos queriam sua derrota. Ele era bem-sucedido em tudo. No trabalho, na família, nas amizades, nos amores. Assim, muitos o invejavam e queriam o seu mal.

Todo o seu sucesso vinha de seu jeito especial de ser bom em tudo, de ter um caráter louvável. E isso indignava a muitos.

Sobrevivera a muitas armadilhas, muitas puxadas de tapete, golpes baixos.

Aos poucos, seus inimigos foram aprendendo que seria melhor aliarem-se a ele, ao invés de tentar derrotá-lo. Todos sairiam beneficiados. Estar ao lado de alguém que tinha tanto prestígio era obter também o mesmo status. E, no fundo, é isso que todos desejam.



Falso perfil

Perdi o apetite. Aquele era para ser um jantar romântico. O primeiro. Grande expectativa. Mas senti vontade de sair correndo quando o vi tratar grosseiramente a garçonete.

Naquele momento, ele perdeu todos os créditos comigo.

Ponderadamente, tentei argumentar, dizendo-lhe que havia agido de maneira errada.

Virou-se contra mim, falando-me grosseiramente também.

Joguei o guardanapo sobre a mesa e saí dali imediatamente, para nunca mais permitir sequer um telefonema.

Em nossos encontros virtuais, mostrara-se um "gentleman". Agora, em nosso primeiro encontro real, mostrou-se o mais repugnante dos homens.



O passado presente

Caminhava só, quando sentiu um toque no ombro. Virou-se e deparou-se com um senhor, já em idade avançada, a lhe sorrir.

- É você, querida! - disse-lhe ele, com a voz embargada.

- Desculpe-me, mas acho que não o conheço...

Nisso, aproxima-se um outro senhor, mais novo.

- Papai, por favor... Desculpe, moça, é que meu pai, às vezes, passa por alguns episódios demenciais. É a idade...

Antes que Juliana respondesse qualquer coisa, o senhor idoso puxou do paletó uma foto, já antiga, e mostrou a ela:

- Veja, é você, minha querida Aurora! Eu nunca mais a encontrei, mas nunca deixei de amá-la.

Aurora era o nome da avó de Juliana, já falecida há mais de vinte anos. A moça também tem aquela foto, e a semelhança entre as duas é realmente impressionante!



Reflexos da vida

Olhou demoradamente para o espelho.

Na tentativa de descobrir quem é aquela mulher que ali reflete, Iris confunde-se com as imagens que lhe vêm à cabeça.

O reflexo lhe sugere traços de uma jovem bonita, que vivera em um tempo feliz, muito bem aproveitado em família, em bailes animados, em boas amizades e em um namoro que resultou em casamento.

Mas quem é ela? Ora a reconhece como si própria. Ora se perde nos pensamentos. Ela sempre gostou de se admirar no espelho.

Íris tem oitenta e nove anos. Assim são os dias ultimamente: longo tempo à frente do espelho. Quem aparece? Pode ser ela mesma. Dali a pouco, pode ser uma desconhecida, a quem ela indaga a identidade. Em outro momento, ela pensa ser sua mãe, pois em algum cantinho da memória está o registro da grande semelhança entre as duas.

O espelho pode ser um grande desafio quando o curso da vida passa pela convivência com o Mal de Alzheimer.



Pantufas

Senti vergonha ao entrar no restaurante quando, só então, percebi que estava de pantufas.

Voltar para casa não valia a pena. Era longe. E não adiantaria muito, pois já haviam notado minha extravagância! As pantufas de unicórnio não eram nada discretas!

Resolvi agir com naturalidade. Ao chegar ao buffet, derrubei um prato, que se espatifou no chão e causou um ruído estridente. Novos olhares para mim.

Tudo bem, vamos agir com naturalidade...

Após o jantar, precisei ir ao banheiro. Fiquei trancada! Bati freneticamente na porta! Uma moça tentou ajudar, sem sucesso. Chamou um funcionário. Ao conseguir destrancar a porta, ele comentou:

- Ah, a senhora das pantufas!

Saí daquele restaurante o mais rápido que pude.

No carro, meu marido perguntou:

- Está tudo bem?

- Só quero chegar a casa e afundar na cama!



Márnei
Consul

Vingando-se

O presente chegou com cinco anos de atraso. Era assim que Alex entendia o fato de ver seu irmão sofrendo na Terra por conta da morte do filho. Cinco anos já! Aliás, Alex julgava que haviam se passado cinco anos, mas, no Umbral, era difícil contar o tempo.

Alex tinha sido morto pelo irmão quando estava encarnado. Perdão? Nunca! Passar a eternidade no Umbral? Que seja! Alegria? Sim, ao ver a desgraça do irmão no distante planeta. Mais do que um presente, uma vingança!

Enquanto ria abertamente em meio à podridão do inferno, novamente, apareceram aqueles espíritos luminosos que quase o cegavam. Alex notou que dois deles balançavam as cabeças em tom de desaprovção. "Fora daqui! Deixem-me com minha alegria!"

E as luzes afastaram-se. Alex levantou-se, reuniu mais forças e partiu

de novo. Era hora de obsediar outra vez o irmão. Quem sabe, agora, não conseguiria a morte dele?



Vida

Desde que foi a São Paulo, a vida passou a ser encarada de forma diferente.

No primeiro dia, ele ficou parado, olhando para o nada, pensando em tudo. Não percebeu o carro em altíssima velocidade vindo.

Quando "acordou", estava no meio de um campo. Tinha voltado para casa?



Ele já tinha feito isso

Naquele inverno, ela decidiu esquecer o passado. Viajou sozinha para Santiago, no Chile. Seriam cinco dias de expurgação de tudo que havia ocorrido: a dor do término, o constrangimento da separação de bens, as idas e vindas sexuais, as duas brigas on-line pela guarda do cachorro e todas as contas dela com psiquiatra e farmácia.

Era a primeira viagem dela totalmente sozinha, e ela queria curtí-la. Por isso, já na primeira noite, foi ao boêmio bairro Bellavista. Decidiu em qual bar ficar, escolheu a mesa e, quando tentou se comunicar com seu portunhol, olhou para o lado e viu-o com outra mulher. Lembrou, então, que sempre conversavam, durante o relacionamento, sobre uma viagem ao Chile, a qual nunca se concretizou.

Nervosa, ela se levantou rapidamente, derrubando os talheres no chão. O casal novo notou-a, assim como os de-

mais frequentadores do local. Ela saiu apressadamente. Do lado de fora, esperou por três minutos. Ele não veio atrás dela. No fundo, ela não conseguiria esquecer o passado tão cedo, mas ele já tinha feito isso.



O único lugar capaz

Na véspera da formatura, ela sumiu. A família desesperou-se, contatou todas as pessoas possíveis que poderiam saber de seu paradeiro, mas nada. A polícia disse que, somente depois de não sei quantas horas, ela seria considerada desaparecida.

Discursaria pela turma. Uma nova aluna teve que criar um texto às pressas, pois o feito pela anterior não fora achado. Ela não foi citada na cerimônia. A família não quis. Era um misto de vergonha, tristeza e desespero.

Horas antes do sumiço, ela descobriu que estava grávida. Seu futuro acabara de acabar. Então, fugiu para o único lugar capaz de confortá-la, acusá-la, feri-la ou redimi-la: o colo da namorada.



Morte abaixo

O ônibus chegou, e ela o viu da esquina. Quando saiu de casa, não esperava que aquilo fosse acontecer. O dia era ventoso, Finados se aproximava. Do nada, sentiu um calafrio: era como se previsse algo ruim. Apressada para embarcar no transporte, colocou o primeiro pé na faixa de segurança, e o segundo no inferno. Ventoso, na verdade, foi o carro que a guiou morte abaixo...



Acidente de paz

Mais três horas, e estaria tudo acabado segundo o GPS do carro. Eu não suportei tanto tempo assim, precisei agir, não consegui mais ver aquele louco ao volante, levando-me a um destino infeliz. Enxuguei as lágrimas e, de supetão, puxei a direção do carro para a direita com todas as forças que me restavam. Depois daquilo, só paz.



Minion

Um cão enorme guardava a porta. Enorme também era o "boy" que apareceu atrás do cachorro, assim que ela se abriu. Realmente, ele fazia o tipo discreto e fora do meio, bem como descreveu no aplicativo. Até agora, eu não tinha captado como ele quis um primeiro encontro na casa dele. Mas fiquei animado por vê-lo e já ia me despedir do motorista do Uber, quando reparei melhor no peito dele: "Deus acima de tudo".

- Moço, eu vou fazer um novo pedido aqui no celular, mas você já pode ir de volta para o lugar onde me pegou. Por favor, ligeiro!

Metros adiante, olhei para trás e vi o "boy" levantando o dedo do meio para mim.



Começou a rir

Desceu as escadas apressadamente assim que percebeu que ele não estava mais se mexendo. "Meu Deus, está morto!", foi a exclamação mental que lhe surgiu. Em seguida, entretanto, começou a rir. Teve que se sentar no primeiro degrau, pois a barriga já doía.

Voltou a si em dois minutos e lembrou que o carro estava na garagem. Era só abrir o porta-malas.



A verdade

Deitou-se na cama e chorou. Era o que restava a ela quando, mentalmente, contou 120 dias sem transar com o marido. "Ele tem outra na certa!", sua intuição gritava. Porém ela não tinha coragem para perguntar isso a ele, para encurralar o homem.

O choro deixava-a angustiada, em seguida, aliviada e iludida. A verdade iria deixá-la como?



Pelo trajeto

Caminhava só, quando sentiu um toque no ombro. De supetão, olhou para trás, conferiu todos os lados depois. Ninguém estava ali. Veio uma rajada de vento um pouco mais forte, e uma enorme nuvem cobriu o sol.

O entardecer estava ficando pleno, e ele se apressou a sair do cemitério. Deixou panos, balde e flores pelo trajeto. Naquele instante, decidiu que nunca mais limparia os túmulos dos familiares.



Podridão

Olhou demoradamente para o espelho e não conseguiu entender a quantidade de elogios recebidos durante a festa. Agora em casa, já despida e sem maquiagem, só pôde perceber que sua feiura era por fora e por dentro: a podridão em pessoa.



Conseguiram

Muitos queriam sua derrota e conseguiram isso. Não esperavam, entretanto, que o fim fosse tão trágico: o suicídio no bar.



**Rosalva
Rocha**

Amizade sem fim

Um cão enorme guardava a porta. Janete aproximou-se da capela chorando e acabou, sem perceber, esbarrando nele. Seu tio falecera na noite anterior e estava sendo velado ali. Fora um segundo pai para ela. Multiplicou cuidados e amor por toda a sua vida. Sempre que ela comentava sobre o quanto era desnecessário tanto zelo, ele replicava: "Como não tive filhos, tu és minha filha emprestada e, quanto mais cresces, maior é a minha preocupação e responsabilidade". Enfim, foram cúmplices sempre e ela ficará em dívida com ele para sempre. Esse era o sentimento naquela manhã.

Após uma longa oração, ela se sentou ao lado de um senhor mal cuidado, com barba por fazer e boné esmaecido pelo sol. Ele logo a reconheceu e confirmou: "És a Janete?" "Sim", respondeu ela. "Pois eu sou o José, vizinho do seu Tio Alzemiro. Como éramos sozinhos, cuidávamos um do outro. E aquele cão na en-

trada da porta é o Rex, o nosso eterno guardião. Ele andava muito cabisbaixo desde que o teu tio foi para o hospital e, hoje, quando eu soube da notícia e resolvi vir me despedir do meu vizinho, ele me olhou como gente, como se suplicasse para vir junto. Acreditas? Então, resolvi trazê-lo e, desde que chegou, está cumprindo o seu papel de guardião. Incrivelmente, está parecendo bem feliz”.

Janete fixou o olhar em Rex e, em pensamento, agradeceu por todo o cuidado. E chorou.



Por um instante

Caminhava só, quando sentiu um toque no ombro. Virou-se e, sem que pudesse escapar, foi sorvida por um beijo ardente. Atônita, não revidou. Aquietou-se no assento mais próximo na sala de espera para o voo 739 da Gol, tendo São Paulo como destino, enquanto Antônio, o homem que a deixou há 10 anos para viver com uma menina 20 anos mais nova, saía correndo, sem olhar para trás, para entregar o cartão de embarque do voo para Recife, prestes a decolar.



Inverno real

A primavera chegou, e nada mais restou do maravilhoso inverno que passamos juntos. Eu sabia que isso aconteceria, mas me abastecia de esperança de que os dias se estenderiam para beneficiar-nos com mais e mais do nosso amor. Tínhamos somente o inverno para nós dois. Era o teu período no Brasil para finalizar o escandaloso projeto arquitetônico do edifício que seria construído na Chácara Santo Antônio. Quanto orgulho!

Teu mundo estava lá, do outro lado do Atlântico, e o meu não pode misturar-se ao teu, sob pena de não conseguires segurar o triste casamento com a filha do embaixador brasileiro. O que fazer? Torcer para que novos projetos surjam e possamos, mesmo por uma estação, sermos felizes sem restrição.



Grande mudança

Desde que foi a São Paulo, Sara começou a entender o mundo de outra forma. Do barulho dos automóveis ao silêncio de crime, a cidade oscilava nos seus ouvidos. Tudo era diferente, muito diferente da vida redonda que levava em São Simão, prainha distante no litoral gaúcho.

Da vastidão do mar, passou a enxergar sobrados ladeados de outros sobrados, com as fachadas do térreo escondidas pelos carros dos proprietários.

A mudança ocorreu por força do amor. Fora ele o divisor de águas. Seu noivo a deixou meses antes do casamento. Por conta disso, resolveu aninhar-se próxima à sua única tia viva, a tia Isaura. Chegando a São Paulo, encontrou uma casinha próxima à dela e, de pronto, alugou-a.

São Paulo fervilhava na avenida mais próxima, a Rua dos Pinheiros, mas no seu novo mundo, na vila que entrava e saía pela Rua Amaro Cavalheiro, tudo era

diferente. Na venda da esquina, Sara comprava o seu pão diário e comentava sobre o clima com Seu José, o proprietário. Nunca lhe faltavam encanador, eletricitista, pedreiro ou algo parecido, pois nas redondezas a mão-de-obra era farta.

Com a vizinha, trocava mudas de margaridas para plantar no minúsculo canteiro do corredor lateral da casa, típica de vila - um sobrado apertado construído em um terreno com sete metros de largura.

Foi na vila que buscou consolo para suas mágoas. Foi na vila que percebeu que as diferenças não são tão consideradas em uma cidade grande. Ela vizinhava com aposentados que mal conseguiam pagar a conta da farmácia até empresários de pequeno porte. E todos conviviam bem.

Aos poucos, começou a retomar a sua vida. Jogou fora as lembranças do passado e buscou renascer como mulher em um mundo muito diferente.

Fez amizades, começou a sorrir e, até mesmo, arrumou um emprego como costureira em uma loja da Rua José Paulino, no centro da cidade. Lá, ela encontrava gente de todas as espécies e, talentosa que era, passou a ser

respeitada pela freguesia. Foram poucos meses para ser promovida e virar chefe de costura das seis lojas da rede.

Da mansidão, voou para o burburinho do metrô, pelos atropelos nas calçadas e pelas buzinas dos carros, mas virou mulher faceira, sem tempo nem espaço para pensar em qualquer coisa que tivesse dado errado na sua vida.



Sobre o amor

Naquele inverno, ficou claro para Lérís que o seu amor, por maior que fosse, estava sujeito a ter um fim. No seu caso inesperado, extremamente doído.

Sentir a raiz firme nas suas poucas andanças sempre fora fundamental para ela. E por alguns caminhos não tão retos, caíra num destino de mulher padrão, daquelas que têm marido, dois filhos, um cachorro e uma casa para se dizerem felizes da vida.

Nos últimos tempos, começou a sentir que o lar estava fugindo do seu alcance. Quando a casa e os afazeres não mais precisavam dela, nos finais de tarde, com o sol alto, ela começava a pensar sobre o que estava acontecendo.

Seus filhos já estavam à beira da vida própria, à beira de saírem de casa para tomarem o seu rumo. José, o marido, continuava vagarosamente fazendo os seus trabalhos de restauro, por vezes em casa

e, quando o tempo era pródigo com ele, em alguma edificação no estado. Embora não reconhecido, era um grande restaurador.

Nos últimos cinco meses, estava trabalhando em Pelotas, no restauro de uma igreja centenária. Estava longe e, segundo ele, entregue às prospecções pictóricas e de reboco, sem tempo para pensar em mais nada. A arte o dominara desde cedo, e aquela oportunidade era única. Pouco falava com a esposa. Por lá se aninhou em uma pensão.

O dia a dia de Lérís tornara-se cada vez mais mecânico. Os móveis teimavam em viver empoeirados e sujos, o fogão coberto de gordura não se sustentava de forma diferente, as roupas eram tantas que os varais não mais as suportavam e, resignadamente, Lérís finalizava os seus dias de forma anônima à vida. Estava bom assim. Foi o que escolheu para a sua vida. Sabia que as roupas, muito em breve, diminuiriam nos varais. Era assim.

Até que, em um final de tarde gelado, tricotando próxima ao fogão à lenha, percebeu o barulho da porta. Era José. Mas não era mais o "seu" José. Era um José diferente, com uns quilos a mais, cabelo cortado e camisa xadrez impecável. Na mão, uma enorme

mala preta. Na fala, somente: "Vim buscar as minhas coisas. Acabou!"

No mesmo lugar, Lérís ficou, acompanhada somente das lembranças de trinta e cinco anos de amor.

De amor?



Uma vida a dois

Olhou demoradamente para o espelho, e o reflexo foi inesperado. Ele havia retornado. Ele, o homem com quem vivera por tanto tempo, depois de seis meses, adentrou na casa que construíram juntos com tanto sacrifício e, com olhar sereno, pediu perdão naquela manhã de verão.

Estava mais magro, um tanto judiado. Na mão esquerda, a mesma mala que levara e a aliança que havia guardado quando da separação. Na época, o limite havia chegado com a monotonia de uma vida a dois vazia. Nada mais os animava. A separação fora inevitável.

Ainda olhando para o espelho, imóvel ela ficou, sendo abraçada na cintura pelo homem que sempre amou.

Não respondeu ao pedido de perdão. Virou-se e beijou-o como sinal de aceite. Levou-o para a cozinha, serviu o café e falou: "Como será o seu dia hoje?"

A mala seria desfeita à noite,
quando a monotonia novamente fizesse
companhia aos dois.



Por um triz

Mais três horas, e estaria tudo acabado. Anita desembarcou no Rio de Janeiro e tomou um taxi direto ao hotel. Havia anotado o nome e o endereço em busca furtiva na carteira do marido no dia anterior. Estava certa de que ele a traía, especialmente nas suas viagens semanais à cidade maravilhosa.

Na chegada ao hotel, cientificou-se da reserva do marido e usou o saguão para, na espreita, flagrá-lo com a outra. O relógio marcava 11h30min.

12h. Sara fechou a porta do seu apartamento na avenida central do Engenho Novo. Cheirosa, maquiada e com uma bolsa grande, enveredou-se para o elevador e, dentro dele, suspirou ao olhar-se no espelho. Parecia mentira que ti-

nha encontrado o homem da sua vida. Ele era absolutamente tudo o que ela sempre buscara. Ao chegar à garagem para pegar o carro, percebeu que ele não estava lá. Desesperada, chamou o porteiro e, sem entender muita coisa, resolveu ligar para a delegacia. Nela, ficou até às 15h providenciando a ocorrência.

14h30min. Roberto adentrou o hotel com sua pasta executiva balançando para todos os lados. Parecia muito feliz. Apanhou a chave do apartamento na portaria e subiu. Anita aguardou 30 minutos e decidiu subir, não sem antes convencer o concierge que era esposa de Roberto. Na sua chegada, Roberto levou um susto e beijou-a com os lábios trêmulos, alegando que a sua chegada inesperada tinha sido a melhor surpresa nos 10 anos de casamento. O seu telefone tocou. Era Sara. Nervosa, relatou o ocorrido. Roberto disfarçou e, em tom quase sepulcral, finalizou: "Cuide bem do seu projeto; na próxima semana, nos veremos". Em seguida, jogou-se na cama ardentemente com Anita.



Esperança de um recomeço

O despertador tocou às 5h30min. Foi preciso muita força para Sara sair da cama. O dia estava chuvoso, clamando por uma decisão. O seu barraco úmido chorava pelas goteiras e descortinava um novo cenário dentro de poucas horas. Era preciso buscá-lo. Não havia outra saída. Pedro era o pai da sua filha, e ela ainda o amava. Eles, os 3, só tinham a eles, ninguém mais. Em questão de uma hora, Sara já estava na entrada do presídio aguardando o seu companheiro de vida, liberto após 10 anos de prisão por assalto à mão armada. Ainda tinha esperança de que a vida tomasse outro rumo. Desde a prisão de Pedro, o sofrimento arrebatou-a, mas a esperança? Ah, essa ela não poupou.



Seria bem melhor

Quero ter um irmãozinho - disse João. Essa foi a primeira conversa do menino de sete anos no café da manhã com seus pais naquela manhã corrida como todas as outras. A mãe emudeceu. O pai, após um olhar questionador à esposa, ou sou enfrentar a afirmação do filho:

- João, mas por que um irmãozinho se vivemos tão felizes e tens tudo de que precisas?

De pronto, veio a resposta:

- Porque a minha vida tá ficando séria demais... Eu quero ralar os meus joelhos, pegar a mangueira e jogar água e brigar com o meu irmão como fazem o Pedro, a Maria, a Joana e a Sara. Ah, e quero também ficar um dia inteiro no meu quarto de castigo. Só isso!



Promessa cumprida

O ônibus chegou com muito atraso, perfurando uma nuvem de poeira que cobria toda a pequena cidade. Era velho e de cor desconhecida, já que o cinza tomara conta da sua carcaça.

A cena era uma tristeza sem fim. Eu chegara à rodoviária naquela manhã, proveniente de Recife, onde passava curtas férias com amigos. Sentada em um banco de madeira desfalecido pelo tempo, fiquei aguardando e pensando como deveriam estar os passageiros, pois, pelos meus cálculos, a viagem fora longa, cerca de nove horas partindo de João Pessoa.

Quando a porta se abriu, um amontoado de gente pulou para fora, uns pisoteando os outros, como se o mundo fosse acabar naquele fim de mundo.

Eu ali aguardando, atônita com o que via, com aquela cena absolutamente inversa ao que eu vivia, ao que eu pensava existir, por pior que fossem os meus devaneios.

Em pouco tempo, quando tudo pareceu serenar, vislumbrei Affonso dependurado na sua bengala. O mesmo Affonso de cabelos brancos e olhar terno que eu encontrara pela última vez na casa dos meus pais no Rio de Janeiro, quando eles ainda eram vivos e o tinham como mordomo por vinte anos. Era de confiança, considerado da família.

Passaram-se dois anos e era chegada a hora de fazer cumprir o que constava no testamento de meus pais: acomodar Affonso em um pequeno sítio naquela cidade empoeirada, contratar uma pessoa para cuidá-lo e rezar para que a felicidade no final da sua vida residisse ali, já que sempre fora o seu pedido.



Jogo premeditado

Muitos queriam sua derrota. Não era para menos. Ariane acabou fisingando o CEO de Finanças com o seu jeito sensual de ser. Havia atropelado todos à sua volta para galgar o posto desejado naquela grande empresa multinacional. Tornou-se uma executiva de negócios. Nunca se importou com desempenho, qualidade ou cumprimento de metas. Depois de muito pouco tempo após a sua admissão, todos esses requisitos foram por ela esquecidos. Chegava diariamente fora do horário, seus almoços eram o dobro de tempo dos colegas e, para piorar, costumava humilhá-los vez ou outra com sua petulância nata. Passou a ser repugnada por todos. A empresa, com a alta das suas ações na Bolsa de Valores em função do seu brilhante desempenho, fora aberta para novos investidores e, para desespero de Ariane, uma "joint venture" aconteceu em menos de um ano, abrindo espaço para uma readequação de todos os seus recursos humanos.

Seu amante, o CEO, fora dispensado, e ela, desesperada, não hesitou em subir mais uns centímetros de suas saias, colocar um leve botox nos lábios e tingir o cabelo de louro. Não foi preciso muito tempo para que o seu novo chefe, um americano de Milwaukee, também virasse sua nova presa. A única dúvida dos colegas era como os dois se comunicavam, já que Ariane nem o português falava com fluência.



O reencontro

"O senhor poderia dar licença?"

Aquela voz, aquela voz tão terna e próxima fez com que um calafrio passasse pelo meu corpo. Era ela, Ingrid, a menina linda, ruiva e cheia de sardas que conheci no pátio do colégio e pela qual fiquei apaixonado até sair daquela cidade que me formou como homem. Em seguida, conheci Sara, que se transformou em minha mulher. Fomos casados por 20 anos até o seu falecimento. Casamento dentro do quadrado, sem piruetas e, muito menos, expectativas. Mas Sara cumpriu o seu papel ao meu lado. Fora a mulher fina, elegante e sincera, meu apoio para firmar-me como juiz em uma das comarcas mais complicadas do estado. Foi Ingrid que me iniciou no desejo. Foi ela que me tirou noites e noites de sono nas madrugadas gélidas naquela cidade no fim do mundo. Foi ela a menina que se transformou na charmosa mulher daquele dia, justamente no dia do funeral da Dona Josefa, a sua

tia e vizinha da minha família na época, que me abrigava na sua casa quando meus pais não estavam na cidade.

Eu e Ingrid acabamos trilhando caminhos diversos, mas, naquele dia, as lembranças e o reconhecimento por Dona Josefa aproximaram-nos. Retornamos à nossa origem para o seu funeral. Sim, eu tinha notícias dela e sabia que virara professora de Biologia de uma faculdade em cidade próxima. Naquele instante, face ao pedido, facilitei o seu acesso à capela e, sem qualquer combinação, juntos rezamos uma Ave Maria pela falecida. Aproveitei a reza para agradecer o tão amorável reencontro. Penso que ela também, pois seu olhar de soslaio proferiu a denúncia.



Quem somos nós



Marilani dos Santos Bernardes

nasceu em Santo Antônio da Patrulha/RS. É professora, formada em Letras, com pós-graduação em Ensino da Língua Portuguesa e Supervisão Escolar. Bacharel em Psicologia. Faz parte do Grêmio Literário Patrulhense. Amante da leitura e da escrita. Participou de algumas antologias poéticas em sua cidade natal e em outros municípios dentro e fora do estado. Depois de um tempo escrevendo poesia, começou a criar prosa também, quando participou das obras "Pandemia: Tempo de Prosa e Poesia" e da 6ª edição do "Prosa na Varanda", ambas lançadas pelo Grêmio Literário Patrulhense. Seus escritos abordam temas diversos. Gosta de escrever livremente ou sob alguma demanda.



Márnei Consul

é professor e escritor. Mora em Santo Antônio da Patrulha/RS. É graduado em Letras – Português/Inglês (UNISINOS) e pós-graduado em Educação em Direitos Humanos (FURG), Educação para a Diversidade (UFRGS), Educação Ambiental (FURG), Gestão Escolar: Orientação e Supervisão (São Luís) e Língua, Literatura e Ensino (FURG). Tem formação continuada como Agente Cultural (IFSul). Escreve contos, poemas, crônicas e romances. Publica desde 2009 pela Pragmatha. Integra o Grêmio Literário Patrulhense desde 2013.



Rosalva Rocha

é de Santo Antônio da Patrulha, empresária, artesã, graduada em Turismo e Administração e associada ao Grêmio Literário Patrulhense. A escrita sempre esteve presente na sua vida, tendo a sua primeira publicação lançada em 2007, em coautoria. De lá para cá, vem participando de diversas publicações, a exemplo das antologias da Academia de Escritores do Litoral Norte (2009-2011), Antologia Poética Poesia na Praça (2011-atual), Suas Excelências, os Personagens (2015-atual), Prosa na Varanda 1 a 6 e diversas antologias do estado. Publica com regularidade no Caderno Literário Pragmática e tem, no site Recanto das Letras, todas as suas produções.

Que sequências você faz na sua vida? É possível dar sequência a algo iniciado por outra pessoa de forma satisfatória? Suas sequências são retilíneas ou tortuosas?

Aceitamos o desafio de continuar os exercícios literários propostos pela Pragmatha Editora, dando continuidade a inícios de histórias. O resultado, o leitor confere nesta obra de contos escrita por três patrulhenses que, com inspiração e sob demanda, realizam escrita criativa.

Boa leitura!

Os autores

